**Palavras de Agradecimento de Carlos Alberto Torres ao receber o Doutorado Honoris Causa outorgado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, Portugal, 25 de uutubro, 2016**

Distinguido Administrador e Presidente do COFAC Professor Doutor Manuel Damásio; Magnífico Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Professor Doutor Mário Moutinho; ilustre padrinho acadêmico Professor Doutor Antonio Teodoro; Ilustríssimo Professor Doutor Antonio Manuel Sampaio da Nóvoa; Professora Doutora Rita Hofstetter; Dignatários; ilustres colegas; Alunos e ex-Alunos; Senhores e Senhoras

É com um profundo sentido de felicidade, prazer e humildade que recebo este doutoramento Honoris Causa desta alta casa de estudos, aa Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Em um dos meus livros argumento que se você raspa, ou arranha uma teoria, você encontra uma biografia [*if eou scratch a theore, eou find a biographe*]. Pouca gente sabe que minha vinculação com a linguagem portuguesa, que jamais estudei formalmente, é de velha data, e tem marcado tanto o meu trabalho científico como o literário.

Corria o ano 1975 e me encontrava investigando na Patagônia os trabalhos de um intelectual brasileiro, Paulo Freire, que com o correr do tempo chegaria a ser um clássico da educação. Porém não o era em 1975. Depois da fanfarra que se havia criado com seus dois livros *Educação como prática da liberdade* e logo *Pedagogia do oprimido,* este entusiasmo se havia acabado. Na primeira recepção do trabalho de Freire nos Estados Unidos, ele foi definido como um educador de adultos revolucionário. Para mim, essa é uma definição muito pobre e frívola, inclusive para essa época. Em 1975 escrevia meu primeiro artigo científico e o enviei para publicar em uma revista Jesuíta de grande distinção no Brasil, a Revista Síntese. O artigo se intitulava "A dialética Hegeliana e o pensamento lógico-estrutural de Paulo Freire. Notas para uma análise e confrontação dos pressupostos filosóficos vigentes na dialética da pedagogia dos oprimidos e do pensamento freireano em geral". Foi traduzido pela *Revista Síntese,* Rio de Janeiro, Brasil, e publicado em 1976.

Exilado no México em 1976, recém-chegado, terminei uma trilogia de livros sobre Paulo Freire enquanto estudava meu mestrado em Ciência Política na Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, FLACSO. Estes livros foram simultaneamente publicados em uma nascente editora Mexicana, Gernika, dirigida por um filho de exilados Espanhóis no México, Franklin Ramos, e também foram traduzidos e publicados pela editora Jesuíta Edições Loeola, no Rio de Janeiro. Me refiro ao livro de 1979 *Diálogo com Paulo Freire*; ao também de 1979 *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire*, e ao de 1981 *Leitura crítica de Paulo Freire*. A ditadura militar brasileira estava, todavia, na plenitude de seu poder, e Freire era um autor proibido. Porém Torres Novoa, como eu firmava meus livros nessa época, era um desconhecido e, portanto, não estava proibido. Ou seja, como me confessaram muitos intelectuais brasileiros com o tempo, eles chegavam a Freire através de meus três livros.

E para cerrar o círculo de esta grata e tão histórica vinculação com a linguagem portuguesa, em 2005 decido escrever minha primeira novela, ambientada em Portugal, e intitulada *O Manuscrito de Sir Charles.* Graças aos bons ofícios do Dr. Catedrático Antonio Teodoro, que me apresentou ao então editor Dom Quixote, este leu o manuscrito escrito em castelhano, e me deu um contrato para publicar em português, sendo publicado em 2005.

Como se vê, tanto meus primeiros escritos científicos como minha primeira aventura literária em um romance foram publicados em língua portuguesa, primeiro no Brasil e depois em Portugal.

Hoje, minha vinculação com a língua portuguesa e a cultura brasileira se afirma cotidianamente em nossa propriedade em Topanga, Califórnia, onde convivo com minha esposa, Ana Elvira Steinbach Torres. É em Topanga, como em tantos outros lados do mundo, onde a Torre de Babel tem sido derrotada. Porque nossos diálogos com Ana – além de uma mulher maravilhosa também uma intelectual de fina estampa – se fazem em múltiplas linguagens, e sem ‘desculpa’ alguma por falarmos várias línguas ao mesmo tempo.

Porém deixem-me analisar que tipo de contribuição intelectual quis fazer depois de quatro décadas de trabalho político-pedagógico.

Para os teóricos críticos, pesquisa não pode ser separada de luta política, portanto o trabalho intelectual na academia e o ativismo acadêmico são inevitavelmente parte e parcela de nossa jornada de vida. Paulo Freire argumentava que política e educação não podem ser facilmente separadas. O mesmo se aplica ao trabalho intelectual e à luta política, que não podem ser facilmente dissociadas, nem mesmo meramente para propósitos didáticos. Nós conduzimos pesquisa e ensino para transformar o mundo, não simplesmente para observar o que acontece ao redor de nós como cientistas desligados ou para manipular o conhecimento como uma engenharia social. Acadêmicos críticos não compartilham com seus “outros” tecnocratas a ilusão de que a manipulação do conhecimento, usando o significado tecnocrata, e a aplicação dura da racionalidade instrumental

A vida é um diálogo entre experiência e significado. E me lembro de “Four Quartet”, o famoso poema de T.S. Eliot, quando diz:

“We had the experience but missed the meaning,

And approach to the meaning restores the experience

In a different form, behaviaond anhavia meaning

We can assign to happiness. I have said before

That the past experience revived in the meaning

Is not the experience of one life onlhavia

But of manhavia generations — not forgetting

Something that is probablhavia quite ineffable (II)

O que é inefável é que estamos aqui agora celebrando também mais de um milênio da vida nas universidades, e seus professores. Ser um professor é professar nossos convencimentos mais profundos, o que temos aprendido por nossa pesquisa e reflexão teórica. É um diálogo existencial entre teoria, investigação, e práxis, que torna a experiência e o significado de professar nossas disciplinas um ato praticamente sagrado, porque é um ato de respeitar a verdade, ainda que esta seja sempre socialmente construída. Por isso, como professores somos trabalhadores da cultura, e porque toda narrativa é um ato de construção cultural, temos que interrogar as narrativas. Porque nem toda é tão válida como a seguinte, ou é tão persuasiva, documentada empírica e metodologicamente sólida como a seguinte, ou simplesmente nem toda narrativa nos oferece uma lógica da prova que nos permita entender e transformar a realidade.

Porém, por que os professores e professoras professamos nossas disciplinas, por que os investigadores investigamos, e finalmente, quando o fazemos, o que logramos?

O grande ensaísta e poeta uruguaio Mario Benedetti visitou Cuba, e conversando com um famoso tocador de tambores cubano, o perguntou e “Você, quando toca?”, ao qual respondeu o tocador de tambores: “Quando me pica a mão”. Nesta resposta, ao mesmo tempo popular e existencial, este artista nos explica porque fazemos o que fazemos; porque nos pica a mão, e por isso escrever é um ato solene de aprendizagem que não podemos deixar de lado. E como todo ato de aprendizagem, um ato sagrado.

Estou recordando a famosa frase de Santo Tomás de Aquino que um dia Moacir Gadotti me insinuou em um de nossos intermináveis diálogos: “Toma cuidado com o homem de um só livro”. Esse só livro era, para Santo Tomás, a Bíblia, sem dúvida.

era

Porém a pessoa pode bem pensar que há que temer ao professor que professa suas convicçnoes em autêntico diálogo com seus estudantes em suas salas de aula, em intervenções públicas como intelectual público, em seus trabalhos em rede, em blogues, em livros e em vídeos. Há algo fundamental neste tarefa. Fundamental e necessariamente imprescindível: promover a ciência da experiência da consciência. Esse é justamente o subtítulo do famoso livro de Hegel, uma das peças mestras da filosofia ocidental, a Fenomenologia do Espírito.

Há quem vincula uma profissão tão importante e secular como a do professor e investigador com o sagrado, devo reconhecer que há uma sabedoria popular que também nos guia. Aprendendo com a sabedoria popular, encontrei escrito em uma igreja em Viscaia, o país basco na Espanha, uma frase que me comoveu: “De toda palavra ociosa, dará conta a Deus”.

Esta advertência que é ao mesmo tampo epistemológica como é ética me levou a pensar em um texto que Freire repetiu várias vezes através de sua vida, e que marca, penso eu, a tarefa do professor que é ao mesmo tempo um intelectual público. Palavras às quais quero somar-me a Paulo Freire quando ele disse em *Pedagogia em Processo,* palavras que eu faço minhas*:* “Without exception, every book that I have written has been a report of some phase of the political pedagogical activity I have been engaged with ever since my youth”

Aqui chegamos a completar o círculo do conhecimento. Para os intelectuais críticos é muito difícil separar o analítico do normativo, e a investigação e a docência da “advocacy”. Não reconhecer este dilema é enganar-nos. Imaginar que porque usamos um modelo cientificista ou positivista do conhecimento e enredamos uma e cada uma das premissas de uma análise com fórmulas matemáticas de impecável voo, não temos responsabilidades em assinalar a esse diálogo entre experiência e conhecimento do que falei antes, um valor totalmente independente do interesse humano. É praticamente impossível separar conhecimento de interesse humano, com seus consequentes resultados.

Quero concluir reconhecendo neste momento tão importante em minha vida dois aspectos que devo aceitar, porque é a maneira em que tenho vivido até agora e sinto que marca a fogo meu trabalho como intelectual, porém também como esposo, como pai de família, como avô, como colega, como ser humano. “Eu sou a página que escrivo”, disse há anos o poera cubano Miguel Barnet. Faço minhas as suas palavras.

Dito isso, eu sou o que a vida me tem permitido ser. Um intelectual do Sul educado no Sul, expulso por uma férrea e assassina ditadura do Sul, e educado no Norte, trabalhando agora em una Universidade do Norte. Quer dizer, mesmo se houvera querido.

Resuena con fuerza en medio de nuestra “sociedad en riesgo” las palabras del maestro Gabriel García Marquez al recibir el premio nobel de Literatura:

On a day like today, my master [William Faulkner](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1949/index.html) said, "I decline to accept the end of man". I would fall unworthy of standing in this place that was his, if I were not fully aware that the colossal tragedy he refused to recognize thirty-two years ago is now, for the first time since the beginning of humanity, nothing more than a simple scientific possibility. Faced with this awesome reality that must have seemed a mere utopia through all of human time, we, the inventors of tales, who will believe anything, feel entitled to believe that it is not yet too late to engage in the creation of the opposite utopia. A new and sweeping utopia of life, where no one will be able to decide for others how they die, where love will prove true and happiness be possible, and where the races condemned to one hundred years of solitude will have, at last and forever, a second opportunity on earth.

Los intelectuales críticos vivimos entre la crítica e la utopia. No podemos hacer nada al respecto. Vivimos en el laberinto de nuestra soledad.

O para decirlo una vez más en las palabras del maestro Gabriel García Marquez

“Poets and beggars, musicians and prophets, warriors and scoundrels, all creatures of that unbridled reality, we have had to ask but little of imagination, for our crucial problem has been a lack of conventional means to render our lives believable. This, my friends, is the crux of our solitude.”

Agradeço a todos e todas novamente, e com a maior humildade, este Doutorado Honoris Causa. E os agradeço também que tenham decidido nos acompanhar neste momento tão importante para os homenageados.

FIM